



## **Agroecologia: estratégia de segurança e soberania alimentar** *Agroecology and food security*

WALLAU, Angelica Servegnini de<sup>1</sup>; PERONDI, Miguel Angelo<sup>2</sup>; WEDIG, Josiane Carine<sup>3</sup>; SIMONETTI, André Luiz<sup>4</sup>; SILVA COSTA, Brendo Henrique da<sup>5</sup>; DEMETRIO, Milena<sup>6</sup>

<sup>1</sup> PPGDR/UTFPR, angelicawallau@gmail.com; <sup>2</sup> PPGDR/UTFPR, miguelangeloperondi@gmail.com; <sup>3</sup> PPGDR/UTFPR, josianewedig@utfpr.edu.br; <sup>4</sup> PPGDR/UTFPR, simonettial97@gmail.com;

<sup>5</sup> PPGER/UFV, brendohenrique08@gmail.com;

<sup>6</sup> PPGDR/UTFPR, mdemetrio@alunos.utfpr.edu.br

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico**

**Resumo:** A ascensão do modelo capitalista no campo, intensificado pela Revolução Verde, levou a um processo técnico-científico de modernização da agricultura. Esse processo homogeneizou sistemas de cultivo e consumo, destruindo ou invisibilizando um conjunto de saberes e práticas tradicionais de povos do campo, das águas e das florestas, e se ampara em alternativas que revelam a insustentabilidade do modelo e colocam em risco a própria sobrevivência humana. Nessa perspectiva, o presente estudo tem como objetivo uma análise teórica sobre a Agroecologia como caminho de enfrentamento e resistência ao modelo convencional da agricultura, bem como seu papel no combate à mercantilização da produção e consumo alimentar. A Agroecologia se constitui como alternativa epistêmica e prática na construção de novas concepções de agriculturas: mais sustentáveis, mais inclusivas, mais diversas e que visam a segurança e soberania alimentar.

**Palavras-chave:** desenvolvimento sustentável; resistência; segurança e soberania alimentar; modernização do campo.

#### **Introdução**

Modernidade e colonialidade são temas basilares para entender o que Grosfoguel (2008, p.118) chamou de “sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno” e refletir sobre as relações de dominação e poder que permeiam a construção e reprodução da agricultura e da alimentação, bem como os caminhos que levam a Agroecologia.

Nesse cenário moderno, saberes, vivências, experiências e práticas locais são, pouco a pouco, consideradas ultrapassadas e ineficientes, e são destruídas ou substituídas pelas “avançadas” e racionalizadas ciências e tecnologias modernas. Em uma visão progressista simplória, a noção de desenvolvimento, capitalista e moderno, orienta a implementação de políticas, programas e técnicas com vista a, segundo Vandana Shiva (2003), homogeneizar o mundo.

Em um exercício reflexivo, o que se busca com a Agroecologia, enquanto movimento, prática e ciência (PETERSEN, 2013), é a quebra do paradigma moderno de produção e consumo alimentar e a ascensão de outras perspectivas e possibilidades diversas de se conceber e fazer agriculturas (sim, no plural!). A



Agroecologia emerge como alternativa de enfrentamento e resistência à modernização da agricultura e mercantilização do alimento, tendo papel fundante na segurança e soberania alimentar.

## **Metodologia**

Como metodologia foi realizada uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, perspectiva que, segundo Minayo (2004), oportuniza que a investigação se dedique à realidade social. O estudo utilizou o método de aquisição de dados secundários pela revisão bibliográfica em artigos científicos, cadernos informativos e livros com temas relacionados, para alcançar o objetivo proposto.

## **Resultados e Discussão**

Após a Segunda Guerra Mundial teve início o projeto de modernização da agricultura, conhecido como Revolução Verde. Esse processo foi idealizado por entes privados, como a Rockefeller e a Ford, que viram na agricultura uma oportunidade de reprodução do capital (ANDRADES; GANIMI, 2007). A Revolução Verde, no espaço rural, visou introduzir variedades de sementes híbridas de alto rendimento, dependentes de agroquímicos, irrigação e mecanização (MCMICHAEL, 2016). O ciclo de inovações tecnológicas industriais, incluiu também a fabricação e disseminação de maquinaria, como tratores e implementos agrícolas — plantadeiras, colheitadeiras, pulverizadores — utilizados desde o preparo da área de plantio até a pós-colheita da produção (ANDRADES; GANIMI, 2007).

No caso do Brasil, segundo Palmeira (1989), a modernização da agricultura remonta ao final da década de 1960, período a partir do qual o Estado subsidiou, cada vez mais, o crédito agrícola, difundiu tecnologias na produção e integrou redes internacionais de comercialização. Corroborando Siliprandi (2015), ao indicar que a modernização agrícola nacional instituiu a industrialização da agricultura, apoiada em políticas estatais de crédito subsidiado, pesquisa e assistência técnica, implantada e disseminada com o apoio de instituições internacionais — centros de pesquisa, bancos de desenvolvimento e agências das Nações Unidas (ONU).

Nesse contexto, em que os alimentos são um caminho de lucro permanente (ANDRADES; GANIMI, 2007), grandes empresas multinacionais passam a controlar a produção, o processamento e a distribuição de alimentos, transformados em *commodities*, em nível mundial. Assim, se estabelece um domínio, que Ploeg (2008) intitula como impérios agroalimentares. Para Guazzelli e Ribeiro (2016), esses impérios, desde 2009, se tornaram um dos maiores mercados a nível mundial. Siliprandi (2015) denuncia os graves problemas sociais e ambientais desse sistema, que se funda na crescente desigualdade e dependência tecnológica em relação às grandes empresas, gerando expropriação e aumentando as desigualdades sociais e econômicas no campo.



Dessa maneira, a agricultura extensiva defendida como estratégia de desenvolvimento, principalmente para países em desenvolvimento, se efetivou em contextos sociais e ambientais completamente diferentes. Segundo Shiva (2003), isso gerou consequências que podem ser observadas na ampliação das áreas desertificadas, no intenso êxodo rural, na concentração de terras e nas mazelas observadas no espaço urbano, dado pelo desemprego e exclusão social.

A Revolução Verde com a retórica de alimentar o mundo acabou descaracterizando as agriculturas tradicionais, estendendo as relações de mercado ao campo (MCMICHAEL, 2016). Isso, acabou desencadeando mudanças na alimentação e no conceito de alimento, afastando o ato de comer de sua prática natural e aproximando-o de formas alimentares globalizadas, fazendo com que o alimento passasse a ser entendido como mercadoria (PAULA, 2017).

Nesse contexto, duas questões são importantes, a primeira associada a mercantilização da atividade agrícola, pois, quando as relações do mercado global são estendidas ao campo acaba por marginalizar as produções locais e familiares, levando a especialização produtiva e a vulnerabilidade da dependência de produtos externos (ANJOS; CALDAS, 2009). A outra, está relacionada ao advento de alimentos como produtos globais, itens que influenciam e moldam a alimentação, agora não mais pela necessidade fisiológica ou pelos valores sociais e culturais incorporados, mas por estratégias e interesses econômicos da indústria alimentar (PAULA, 2017).

O aumento da produção agrícola, aliado as denominadas Variedades de Alto Rendimento, não expressa o mesmo benefício do ponto de vista nutricional, tendo reduzida a sua quantidade de vitaminas e proteínas (GUAZZELLI; PEREZ, 2010), resultando em uma cadeia alimentar desregulada, com a presença de pessoas doentes e vulnerabilizadas. Os alimentos tornam-se menos nutritivos e contêm cada vez mais resíduos de agrotóxicos e químicos, convertendo-se em um gerador silencioso e contínuo de enfermidades (GUAZZELLI; RIBEIRO, 2016).

Assim, faz-se mister a retomada da função social da terra como provedora de alimentos e incentivo à produção camponesa, devolvendo às famílias agricultoras a possibilidade de cultivar alimentos, retirando assim, o alimento do *status* de produto e de reprodução de capital (McMICHAEL, 2016). Nesse cenário, a agricultura familiar e camponesa se torna fundamental para prover a segurança e soberania alimentar.

Para Altieri (2001) há muito tempo os movimentos sociais camponeses defendem a necessidade da terra para a produção de comida de qualidade e diversificada. O autor elenca a resistência da Via Campesina na defesa da produção de alimentos pelas mãos das famílias camponesas e não vinculada ao controle dos complexos agroindustriais. Essa seria uma maneira de proteger os empregos no campo, o meio ambiente, a segurança e soberania alimentar, e a saúde, vislumbrando alternativas ao atual modelo neoliberal, constituindo a defesa dos mercados locais, dos ciclos de



produção conectados aos ecossistemas, consumo e redes de comercialização direta entre famílias agricultoras e consumidoras.

Para Floriani e Floriani (2010), a Agroecologia é uma abordagem capaz de romper com os dualismos e propiciar o diálogo entre as Ciências Naturais e Sociais, bem como outros saberes culturalmente presentes na sociedade, integrando conhecimentos sobre os sistemas socioambientais complexos. Essa integração se dá através da interdisciplinaridade e do diálogo de saberes. De tal modo, é preciso conectar o conhecimento científico e prático, reconhecendo o saber-fazer local e tradicional, e entendendo a existência de práticas sociais, materiais e imateriais, presentes nas diversas agriculturas, refletindo a pluralidade cultural das diferentes composições socioterritoriais.

Assim, a Agroecologia propõe agregar saberes e práticas tradicionais aos conhecimentos das diferentes ciências, possibilitando o diálogo e a realização de uma abordagem holística e transdisciplinar (CAPORAL, 2009). O autor considera que a Agroecologia não é apenas uma forma de fazer agricultura, é uma formulação paradigmática construída pela participação conjunta de agricultoras(es), pesquisadoras(es) técnicas(os) e seus múltiplos e diversos saberes. O que indica a emergência de um referencial técnico-científico capaz de impulsionar uma mudança na agricultura, passível de servir de escopo e orientação às ações de ensino, pesquisa, assistência técnica e extensão rural, em uma perspectiva que garanta sustentabilidade socioambiental e econômica para os diferentes agroecossistemas.

A ampla maioria dos alimentos é produzida em economias locais e representa a base do sistema mundial alimentar e, nesses contextos, sabe-se que as famílias agricultoras realizam pesquisas científicas e desenvolvem mais variedades de plantas que as corporações, constituindo um repositório de conhecimento tradicional e inovação (GUAZZELLI; RIBEIRO, 2016). Ainda, a agricultura familiar e camponesa corrobora com a produção de alimentos e a superação da insegurança alimentar (SCARABELOT; SCHNEIDER, 2012).

Dessa maneira, a Agroecologia visa restabelecer as relações entre a humanidade e a natureza, reintegrando os humanos aos ecossistemas, base das práticas agrícolas tradicionais e que perderam espaço com a agricultura moderna. Essa perspectiva pretende, também, dissolver o modelo da agricultura hegemônica atual, considerando a construção de relações mais simétricas, reconhecendo o protagonismo da agricultura familiar e camponesa na construção de modos mais sustentáveis de produção e na garantia da segurança e soberania alimentar da população.

## **Conclusões**

A Agroecologia garante aportes para o repensar as relações e a lógica do modelo de agricultura vigente – baseada na mercantilização de monoculturas, *commodities* agrícolas e insegurança alimentar. Nesse sentido, a abordagem agroecológica



germina na concepção de uma sociedade amparada por valores não só monetários, mas que preconizem a sustentabilidade, contribuindo para a construção de outra ética, viabilizando relações mais simétricas e possibilitando outras agriculturas. Nesse cenário, a agricultura familiar e camponesa possui papel fundamental como protagonista de outros modelos de desenvolvimento. Assim, enquanto episteme, movimento e prática, a Agroecologia visa restabelecer as relações entre os agroecossistemas e garantir a segurança e soberania alimentar.

### **Agradecimentos**

Agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de pesquisa concedida entre os anos de 2020 a 2022.

### **Referências bibliográficas**

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

ANDRADES, T. O. de; GANIMI, R. N. Revolução Verde e a Apropriação Capitalista. **CES Revista**, v. 21, p. 43-56, 2007.

ANJOS, F. S.; CALDAS, N. V. A horta agonizante: mercantilização da agricultura e transformações nas práticas de autoconsumo entre famílias rurais do extremo sul gaúcho. **Pensamento Plural**, v.5, p. 151-169, jul./dez., 2009.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília: 2009. 30 p.

FLORIANI, N.; FLORIANI, D. Saber Ambiental Complexo: aportes cognitivos ao pensamento agroecológico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 5, n. 1, 2010.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, 115-147, 2008.

GUAZZELI, M. J.; PEREZ, J. (Orgs.). **Concentração corporativa - transformando a vida em mercadoria**. 2010. Disponível em: [http://www.centroecologico.org.br/novastecnologias/novastecnologias\\_4.pdf](http://www.centroecologico.org.br/novastecnologias/novastecnologias_4.pdf). Acesso em: 27 jun. 2023.

GUAZZELI, M. J.; RIBEIRO, S. Novas Tecnologias, corporações e seus impactos sobre a soberania alimentar. *In*: BEZERRA, I.; PEREZ-CASSARINO, J. (Orgs.) **Soberania alimentar (SOBAL) e segurança alimentar e nutricional (SAN) na América Latina e Caribe**. Curitiba: UTFPR, 2016.

MCMICHAEL, P. **Regimes alimentares e questões agrárias**. São Paulo: Editora Unesp; Porto Alegre: Editora UFRGS, 2016.



MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

PALMEIRA, M. Modernização, Estado e Questão Agrária. **Estudos Avançados**, v. 3, n. 7, p. 87-108, set./dez., 1989. Disponível em: <http://www.scie-lo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a06.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023.

PAULA, N. M. de. **Evolução do sistema agroalimentar mundial:** contradições e desafios. Curitiba: CRV, 2017.

PETERSEN, P. A agroecologia e a superação do paradigma da modernização. *In:* NIERDELI, P. A.; ALMEIDA, L.; VEZZANI, F. M. **Agroecologia:** práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013.

PLOEG, J. D. Van Der. **Camponeses e impérios alimentares:** lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SCARABELOT, M.; SCHNEIDER, S. As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local—um estudo de caso no município de Nova Veneza/SC. **Revista Faz Ciência**, v. 14, n. 19, p. 101-101, 2012.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente:** perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Editora Gaia, 2003.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia:** transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.